



## Viagens e vínculos: a experiência das caravanas do projeto comboio agroecológico como processo educativo

Mariana Telles Rocha<sup>1</sup>, Patrícia Dias Tavares<sup>2</sup>, André Ruoppolo Biazoti<sup>3</sup> e Natália Almeida Souza<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Bacharela em Agronomia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e mestranda em Agricultura Orgânica pelo Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica (PPGAO/UFRRJ). E-mail: [mtellesrocha@gmail.com](mailto:mtellesrocha@gmail.com); <sup>2</sup>Engenheira Florestal UFRRJ e Doutoranda em Ciências Ambientais e Florestais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Florestais UFRRJ. E-mail: [padiastavares@gmail.com](mailto:padiastavares@gmail.com); <sup>3</sup>Bacharel em Gestão Ambiental pela ESALQ/USP e mestrando em Ciência pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada (PPGI/USP). E-mail: [andrebiazoti@gmail.com](mailto:andrebiazoti@gmail.com); <sup>4</sup>Bacharela em Gestão Ambiental pela Universidade de São Paulo (EACH/USP) e mestra em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA/UFRRJ. E-mail: [natalia.alm Souza@gmail.com](mailto:natalia.alm Souza@gmail.com).

**Resumo:** A construção do conhecimento agroecológico bem como a concepção e fortalecimento de ações que animem e articulem, em rede, as experiências estão presentes, na prática das organizações, redes e movimentos, há algumas décadas. Diferentes ações auxiliam no fortalecimento desses vínculos, bem como facilitam a sua transformação através de diferentes gerações. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é analisar a importância dos vínculos sob a ótica das caravanas agroecológicas e culturais realizadas no contexto do Projeto da Rede de Núcleos do Sudeste (RNEA). As caravanas, para além das viagens e vivências, estão se apresentando como uma importante ferramenta pedagógica e de luta, ao proporcionarem, coletivamente, imersões, análise e ações em diferentes territórios.

**Palavras-chave:** Articulação em rede; educação popular; sudeste.

### 1. Introdução

Nos últimos dois anos e meio vivenciamos processos que possibilitaram a animação e fortalecimento da Rede de Núcleos de Agroecologia Sudeste. Esses processos foram viabilizados pelo Projeto Comboio Agroecológico, através da chamada 81/2013 do CNPq. Toda essa trajetória está centrada na construção de uma experiência concreta de educação popular por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão no campo da agroecologia. Para o fortalecimento desta Rede foram utilizadas



diferentes abordagens metodológicas, as quais fomentaram a consolidação de relações e processos coletivos. Entre o colorido de metodologias educativas adotadas estavam experiências como: instalações artístico pedagógicas, excursões científicas, boletins informativos, filmes e cursos presenciais e à distância.

Neste estudo destacamos as caravanas agroecológicas e culturais, que podem ser consideradas o coração da experiência de articulação regional, comprometida com a construção do conhecimento articulada com diferentes territórios e suas realidades. Em 2014 o movimento agroecológico passa a utilizá-las na preparação do III Encontro Nacional de Agroecologia e, a partir de então, outros projetos, seminários e processos de mobilização das experiências agroecológicas passam a acionar as Caravanas como forma de articulação.

De tal modo, este resumo pretende refletir, a partir das Caravanas Agroecológicas e Culturais, como o estabelecimento de Redes e vínculos podem movimentar saberes, parcerias (para além das esperadas) e contribuir para a construção do conhecimento agroecológico.

## **2. Trajetórias de vidas, lutas e sonhos: Caminhando Juntos**

As ações que possibilitaram a aprovação do Projeto Comboio Agroecológico Sudeste são resultado de uma rede de articulações estabelecidas desde a década de 80. Nesse período muito dos atores que compõem tal Rede construíram as primeiras iniciativas no campo da Agricultura Alternativa. Desde então, diferentes pessoas, movimentos e organizações sociais, além de instituições públicas e privadas vêm apontando a agroecologia como uma proposta para a transformação das relações produtivas, sociais, ecológicas e econômicas.

Ao longo de diferentes gerações, há pelo menos três décadas, compreender as diferentes estratégias de construção de saberes, organização e mobilização que facilitam a consolidação de experiências agroecológicas, é um desafio. Para isso, diferentes mecanismos de trocas de experiências são desenvolvidos para que possamos avançar na consolidação de experiências e fortalecimento do movimento político no campo da agroecologia. Nessa trajetória muitos vínculos foram estabelecidos, o



que garantiu a disputa e ocupação de diferentes espaços, além da conquista de políticas que incentivem a produção agroecológica.

O projeto Comboio nasce de uma construção coletiva, que teve como objetivo fortalecer a Rede de Núcleos de Agroecologia da Região Sudeste. Desde a sua elaboração o projeto foi construído coletivamente, como forma de partilhar as propostas e experiências de cada núcleo de agroecologia. Nesse sentido, um dos seus principais intuitos foi explorar, a partir das experiências agroecológicas, a região sudeste. Um dos caminhos identificados, entre diferentes abordagens metodológicas, foi a construção de Caravanas Agroecológicas e Culturais. O sentido das caravanas seria o trem que partiria, visitaria diferentes experiências e organizaria uma “carga” de informações que possibilitaria a continuidade da viagem.

### **3. Cinco caravanas, cinco histórias: A construção de novos relatos sobre o Sudeste**

Ao total foram realizadas cinco Caravanas Agroecológicas no âmbito do projeto Comboio Agroecológico do Sudeste. A primeira foi realizada em novembro de 2014 em Minas Gerais, em uma articulação com a Articulação Mineira de Agroecologia (AMA), algumas ONGs do estado e outros parceiros. Com a participação de representantes dos quatro estados da região Sudeste, a Caravana seguiu por quatro rotas diferentes até chegar em Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, tendo visitado ao todo cerca de vinte e duas experiências de agroecologia do território mineiro. A metodologia do Comboio de acumular vivências e saberes locais ao longo da rota transformou a caravana em um comboio de fato, pois a cada parada, somaram-se novos integrantes ao percurso, o que possibilitou a troca intensa de experiências entre os participantes.

A segunda Caravana foi realizada em abril de 2015, rumo à Alegre no Espírito Santo. Da mesma forma, a organização de todo o processo vivido, desde a articulação de grupos dos quatro estados até a escolha das experiências a serem visitadas, foi feita em parceria com a Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA). A Caravana do Espírito Santo possibilitou, além de ricas trocas entre os caravaneiros dos diferentes estados participantes, a reaproximação e criação de vínculos com



agricultores agroecológicos localizados no Sul capixaba, anteriormente desarticulados com as organizações que promoviam a agroecologia no estado.

O Rio de Janeiro foi o estado que acolheu a terceira Caravana Agroecológica e Cultural do projeto. Rumo a Casimiro de Abreu, a caravana novamente demonstrou-se uma importante ferramenta pedagógica e de articulação para a formação de redes para a troca de conhecimentos e para a criação de afetos políticos que fortalecem as lutas frente aos impactos avassaladores do agronegócio nos territórios. O envolvimento de diversos movimentos sociais, entidades de assistência técnica e extensão rural e núcleos de agroecologia vinculados às universidades possibilitou o fortalecimento de redes locais pautadas na construção participativa do conhecimento agroecológico, assim como garantiu um espaço pedagógico para a enunciação de denúncias dos impactos negativos gerados pela agricultura convencional e a exploração capitalista dos territórios e para o reconhecimento de experiências que resistem e persistem em seu trabalho de produção agroecológica no estado.

Após o crime ambiental causado pela empresa de mineração Samarco em 5 de novembro de 2015, o que provocou o assoreamento do Rio Doce e comprometeu drasticamente as condições ecológicas e sociais das comunidades ribeirinhas ao longo de seu curso, foi realizada a Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, em abril de 2016. Uma das rotas da caravana do Rio de Janeiro já havia trazido algumas denúncias vivenciadas nos territórios da Bacia do Rio Doce e a culminância em Casimiro de Abreu possibilitou o encontro e a articulação entre atores de Minas Gerais e do Espírito Santo para a promoção de uma caravana que pudesse avaliar os impactos da mineração no território e as estratégias de sobrevivência dos agricultores e comunidades atingidas pelo rompimento das barragens.

A última Caravana do projeto, ocorrida em maio de 2016, adentrou o estado de São Paulo rumo ao Vale do Ribeira, consolidando inúmeros aprendizados e metodologias das outras caravanas e demonstrando o potencial agregador e pedagógico da metodologia das Caravanas Agroecológicas e Culturais, evidenciado, principalmente, pelo trabalho integrado dos participantes nas atividades de relatoria, registro, comunicação e condução dos diálogos ao longo de todas as rotas. A criação de laços afetivos e políticos duradouros, essenciais para o fortalecimento do tecido social constituente de uma



rede de agroecologia da região Sudeste, foi um dos principais resultados obtidos ao longo de todo o projeto Comboio Agroecológico, merecedor de um aprofundamento teórico e científico.

#### **4. A história das viagens ou as viagens que fazem histórias? As Caravanas como instrumento pedagógico e de luta**

O movimento agroecológico começou a utilizar as Caravanas Agroecológicas e Culturais como ferramenta metodológica a partir do processo de preparação para o II Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). Ainda que não seja possível aprofundar neste resumo todos os antecedentes que inspiraram a organização das Caravanas, é fundamental registrar que foi a luta do povo organizado que deu origem a suas propostas. A igreja católica, com as romarias e procissões, e os referenciais do movimento popular camponês, como as *Giras* em Cuba, além das outras referências do ensino em geografia, são fontes nas quais as Caravanas beberam.

Assim, as Caravanas surgem com base na releitura dessas experiências que ressignificadas, em diálogo com a academia e os movimentos sociais, passam a ser incorporadas como estratégia de análise, possibilitando a visibilidade e mobilização dos territórios, entre outros objetivos.

As Caravanas Agroecológicas e Culturais também se aproximam das chamadas excursões pedagógicas, que já foram ressaltadas por Makarenko (2005), entre outros, pelo seu potencial de transformação e enraizamento das novas técnicas e formas de analisar a realidade. Tanto o sujeito que acolhe os participantes, quanto o sujeito que visita as experiências locais, se encontram mais pré-dispostos à interação e aprendizagem. Além disso, as caravanas propiciam a observação, análise e interpretação do espaço geográfico durante o percurso, especialmente utilizando técnicas apropriadas que permitem compreender o espaço geográfico como um sistema de objetos e ações humanas nos lugares (SANTOS, 2000).

Os vínculos já começam a ser estabelecidos desde o planejamento das Caravanas, onde as diferentes organizações se reúnem e definem juntas as rotas e experiências a serem visitadas, além disso, há a reunião de desejos, sonhos, que serão insumos importantes para sua concretização. Todo



esse processo estimula a articulação de diferentes grupos, mobilização de agricultores e agricultoras, além das condições estruturais para que a Caravana aconteça.

Assim, são estabelecidas relações de confiança, determinantes para a dinâmica da caravana, e que são seladas no momento do encontro, ao passar pelas experiências. Essas relações se dão principalmente a partir do encontro com o outro, que transforma o individual em coletivo, fazendo com que haja a possibilidade de organização e movimento. A cada dia de caravana e experiência visitada, esses vínculos vão se consolidando pela vivência coletiva, proporcionada pela convivência e necessidade da ação conjunta. Essa ação se expressa na realização de tarefas, na tomada de decisões e cuidado com o grupo, além das prosas que propiciam uma análise da realidade.

Desse modo, uma identidade coletiva se estabelece, no momento de culminância da Caravana, onde todas as rotas se encontram, as experiências vivenciadas são compartilhadas entre os caravaneiros das diferentes rotas. Nesse momento, através de uma ação política, um seminário e um ato, se estabelecem como mecanismos de diálogo com a sociedade, funcionando como síntese das expressões da agroecologia em cada território, apontando o que a ameaça e o que a potencializa. Portanto, a partir das Caravanas é possível estabelecer vínculos que se articulam em torno da construção da agroecologia, os quais se renovam entre gerações e que serão responsáveis pela animação de processos de luta e resistência.

## **5. A importância dos vínculos no fortalecimento das relações: Processos e Não Projetos!**

A intimidade e a intensidade proporcionadas pelas viagens e visitas à inúmeras realidades distintas, mas com vasta similaridade às experiências já conhecidas pelos participantes em seus territórios de origem, possibilita a criação de um campo profundo de transformação pessoal e interpessoal. A vivência compartilhada pelos participantes cria um espaço propício para a troca de experiências e construção de novos conhecimentos baseados no diálogo entre diferentes pontos de vista e diferentes estratégias de sobrevivência e confronto às situações de conflitos vivenciadas nos territórios de disputa com o modelo hegemônico de agricultura.



Além de novos conhecimentos, as dinâmicas dessas trocas garantem a criação de vínculos afetivos que contribuem diretamente para a construção de relações sociais baseadas em relacionamentos que possuem sentido e significado e que funcionam como uma “cola social” para os processos de participação democrática, onde a confiança é um elemento básico (PUTNAM, 2000).

É nos encontros presenciais que a confiança é construída (BEEM, 1999; GIDDENS, 1990), que a coesão social é fortalecida e que os processos em rede são ampliados. A experiência da Caravana Agroecológica de São Paulo, a última realizada e a que consolidou a atuação dos diversos parceiros da região Sudeste, demonstrou grande eficiência organizativa na relatoria, comunicação e sistematização realizados de maneira colaborativa, coletiva e horizontal. O alcance do trabalho coletivo (que propiciou, em julho de 2016, a criação do Coletivo de Comunicação em Agroecologia, por exemplo) é composto por relações pessoais que possibilitam a conexão entre virtudes e princípios voltados ao bem comum (PUTNAM, 2000) e à criação de utopias relacionadas diretamente à transformação do sistema agroalimentar por meio da agroecologia.

As relações que as mulheres e os homens travam no e com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas), como traz Paulo Freire (1999), é o que caracteriza sua humanidade. Para Freire (1999), “estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade”, onde a predominância de ações massificadas na formação impede que a educação transformadora abra possibilidade dos sujeitos (Capítulo 3 “Educação x Massificação”). Neste livro Freire (1999) explora as relações tênues entre conscientização e democracia, reflexões tão atuais para nós, e, é aqui que assentamos as reflexões sobre as Caravanas como estratégias para despertar o gosto pela pesquisa e pelo aprofundamento da teoria. Observamos que a prática engajada e vinculada às experiências instiga que os estudantes, técnicos e parceiros, tenham contato com novas abordagens, visões de mundo, técnicas de cultivo e manejo, gostos e saberes que podem desencadear novas configurações para o ensino, a pesquisa e a extensão em agroecologia.

A riqueza desses encontros e das experiências visitadas (que foram, em algumas das Caravanas, organizadas por temas de discussão) favorecem a construção de conhecimentos importantes para a atuação política desses grupos, que culmina na realização de um Ato Público ao final das



Caravanas para expor os debates fermentados ao longo das visitas para toda a sociedade. Esse amadurecimento político e técnico, a cada visita realizada, impulsiona os grupos a qualificarem suas práticas de intervenção direta em seus territórios, o que contribui para avanços tecnológicos da agroecologia, para maior incidência política das instituições e para o fortalecimento da rede agroecológica como um todo.

Também, nas Caravanas Agroecológicas, observamos o incentivo à formação de novos interlocutores, em um processo de fortalecimento de vínculos interpessoais, mas não só: observamos aqui que as relações entre as organizações, as Redes e movimentos também se modificam. As Caravanas do Sudeste, nosso objetivo de reflexão, inserem nos “campos relacionais” do Sudeste “novos atores” na trajetória do diverso e múltiplo movimento agroecológico da região ao darem voz e vez aos núcleos de agroecologia. Assim, outros atores e atrizes entram em cena e interagem com as representações das articulações estaduais de agroecologia, estimulando renovações, oxigenações e processos, cada vez mais, horizontais para construção de suas ações.

Nesse caminhar é preciso reforçar, apoiados nas reflexões de Freire (1987), que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987). Desta forma, não observamos as Caravanas como processos que “levam conhecimento” ou trazem melhorias materiais e automáticas para os agricultores, mas sim, observamos a construção de vínculos e de trocas que só são possíveis quando nos despimos dessa relação de hierarquia e poder construído pela sociedade, pela ciência e pelas formas de dominação (técnico x agricultoras/es; docente x estudante; pesquisador/a x técnico/a).

Outra lente importante para refletir sobre os vínculos vivenciados na experiência do Comboio, é a noção de redes proposta por muitos autores, entre os quais podemos citar Law, Latour, Callon a partir dos anos 70. Como traz Schmitt (2011):

A noção de rede vem sendo utilizada, nas ciências sociais e nos estudos sobre o desenvolvimento, de múltiplas formas, tornando-se difícil, por vezes, precisar seu real significado e sua contribuição como ferramenta de análise. A imagem de um sistema composto por nós e fluxos é frequentemente evocada como metáfora, no esforço por





construir representações capazes de dar conta da complexidade do social (SCHMITT, 2011, p. 46).

A ideia das Caravanas, além de muitos outros aprofundamentos possíveis, pode ser analisada a partir da ideia de redes e agência na perspectiva orientada aos atores, pois como aponta Schmitt (2011) trazendo referência de Long (2007):

Embora muitas mudanças estruturais sejam, de fato, resultado de “forças externas” (como o Estado, o mercado ou as políticas internacionais pró-desenvolvimento), as formas de intervenção só afetam as oportunidades sociais e a conduta dos indivíduos à medida que se introduzem em seus modos de vida, tomando forma, direta ou indiretamente, nas experiências do cotidiano (LONG, 2007 apud SCHMITT, 2011, p. 92).

Aposta-se na ideia de que as Caravanas produzem efeitos para além de suas rotas pré-estabelecidas, dos seus itinerários direcionados ao Projeto da Rede de Núcleos, pois é porosa à processos que articulam modos de vida, aproximam o cotidiano das pessoas que passam a trabalhar, viver, viajar e se desafiar juntas diante da complexidade que é edificar as ações que possibilitam as ações de cada Caravana.

## **6. Viagens e Vínculos na Construção do Conhecimento Agroecológico**

A construção do conhecimento agroecológico tem como pressupostos básicos as relações de troca e diálogo entre os diferentes saberes. A agroecologia é concebida como um saber ambiental do campo da complexidade, exigindo desta forma a abordagem interdisciplinar e o diálogo de saberes: a criação deste corpo complexo e integrado de conhecimentos sobre os processos naturais e sociais é denominado por Leff (2001) de ‘saber ambiental’ que implica a construção de uma nova racionalidade e a integração interdisciplinar do conhecimento para explicar o comportamento de sistemas socioambientais complexos (LEFF, 2001).

Desse modo, um dos desafios é a consolidação de abordagens metodológicas que permitam processos diferenciados de pesquisa, ensino e extensão, as quais influenciam na construção de saberes



mais articulados com as diferentes realidades sócio, econômico, cultural, ambiental e produtiva. As caravanas agroecológicas e culturais possibilitam um composto de interações em que a máxima “a cabeça pensa onde os pés pisam (Frei Beto)”, estabelecida através da vivência e imersão em diferentes realidades territoriais auxiliam na estruturação de uma maneira particular e complexa de análise e compreensão dessas realidades.

Nesse sentido, podemos destacar que as Caravanas propiciam três elementos fundamentais para a consolidação de relações e processos férteis de geração de saberes: a) o encontro, b) o diálogo, e c) a análise coletiva. Ir ao encontro do outro, fazer imersões em diferentes realidades, mas que compartilham dos mesmos desafios, possibilita a reflexão sobre a coletividade e necessidade de organização social, como diria Rubem Alves (1999), permite a tomada de consciência enquanto povo, em um movimento que vai do particular e específico, para o geral e coletivo.

As conexões e diálogos promovidos permitem diferentes expressões e trocas entre os conhecimentos, desde o conhecimento tácito dos agricultores e agricultoras proporcionado pela sua vivência e observação da realidade, até os conhecimentos gerados em espaços acadêmicos. Esse diálogo pode auxiliar na resolução de problemas comuns, além de gerar *insights* que podem subsidiar a elaboração de problemas de pesquisa, ferramentas metodológicas e tecnológicas.

Além disso, os momentos coletivos proporcionam uma análise conjunta da realidade, em que para além de conhecer diferentes experiências, permite compreender o que fortalece e o que limita a construção da agroecologia nos diferentes territórios. Partindo dessa análise, muitas lições são tomadas e aproveitadas para fortalecer os processos do território visitado, bem como podem ser incorporadas nas realidades dos caravaneiros.

Para tanto, as Caravanas enquanto ferramenta metodológica e pedagógica, permitem que possamos vivenciar a agroecologia nas diferentes dimensões definidas por Wezel et al.(2009), ou seja, enquanto ciência, movimento e prática. As Caravanas permitem uma abordagem diferente do que vem sendo preconizado pela ciência moderna em relação aos saberes. A integração de saberes passa a ser um princípio, assim, compreendendo a agroecologia como um ambiental complexo que já tem sido trabalhado por diversos agricultores, há um reconhecimento desses enquanto fonte válida de



conhecimento, conforme orienta Gomes (1993). Todas essas interações possibilitam a concepção de uma nova abordagem científica, que permite o diálogo coletivo e de saberes, partindo de uma ciência solitária a uma ciência solidária (Carlos Brandão - Encerramento do I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia).

Como é falado no “dizer popular”, se “só se conhece uma pessoa vivendo com ela”, dedicamos esse artigo a todos as/os bolsistas do projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, amigos e amigas de vida, viagens, trabalhos e lutas que ensinaram que as Caravanas e todas as demais ações, só foram e são possíveis, onde existem vínculos, confiança, respeito e amor. Seguimos em viagem pelo Sudeste, pelo Brasil, pela América Latina (México) e pelo mundo!

## Referências

- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. Edições Loyola, 1999.
- BEEM, C. *The Necessity of Politics. Reclaiming American public life*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GIDDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity, 1990.
- GOMES, J.C.C. *As Bases Epistemológicas da AE*. In: MDA/DATER. 1993.
- LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: editora Cortez, 2001.
- PUTNAM, R. D. *Bowling Alone. The collapse and revival of American community*. New York: Simon and Schuster, 2000.
- SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 2000.
- SCHMITT, C.J. *Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional*. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011, p. 82-112
- WEZEL, Alexander et al. *Agroecology as a science, a movement and a practice*. A review. *Agronomy for sustainable development*, v. 29, n. 4, p. 503-515, 2009.

